



Instalações Pedagógicas e Construção do Conhecimento Agroecológico no CIADT e SEADT : ousamos e fizemos !

Ana Cláudia de Lima Silva - UFRPE
Ana Maria Dubeux Gervais - PPGADT - UFRPE
Flavia Mendes de Andrade e Peres - DEd/BACEP - UFRPE
Gáudia Maria Costa Leite Pereira - PPGADT-UFRPE
Gilvânia de Oliveira Silva- DEd/BACEP-UFRPE
James Ribeiro de Azevedo - PPGADT-UFRPE
José Nunes da Silva- NAC - UFRPE/ABA
Júlia Figueredo Benzaquen - DECISO-UFRPE
Marli Gondim de Araujo - Núcleo Jurema-UFRPE
Paulo José de Santana - Instituto Abdalaziz de Moura
Tarcísio Augusto Alves da Silva - PPGADT-UFRPE
Ywanoska Maria Santos da Gama - DEd/BACEP - UFRPE

Esse texto não tem a pretensão de conceptualizar ou modelizar nada. Ele é um mosaico de reflexões realizadas por alguns dos companheiros e companheiras que estiveram à frente da coordenação e da relatoria dos grupos de trabalho em nosso 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (CIADT) e 11º Seminário de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (SEADT). Mas, como diria Falkembach (2000), a intenção aqui é de “juntar cacos, e construir vitrais”, buscando organizar algumas ideias em torno da experiência vivenciada que foi extremamente importante e significativa tanto para quem participou, quanto para quem coordenou ou relatou o processo.

Não pretende-se dizer que o texto é uma sistematização de experiências, mas busca trazer algumas reflexões importantes sobre a metodologia das sessões de trabalho organizadas durante nosso evento, elementos do vivido nesta experiência. Foi um enorme desafio experimentar mais uma vez o uso de instalações artístico-pedagógicas, aprofundando as experiências já vivenciadas pelo movimento

agroecológico brasileiro em eventos anteriores, à exemplo do 2º Seminário Nacional de Educação em Agroecologia.

Desafio, pois a maior parte de quem estava coordenando as sessões, relatando ou simplesmente participando, nunca tinha vivenciado a experiência. Tivemos que responder muitos e-mails dos participantes que não compreendiam a “carta aos participantes”, documento enviado com antecedência aos que inscreveram trabalhos. Nos e-mails, haviam sugestões do tipo “posso levar meu próprio datashow se o problema for a ausência de equipamentos suficientes para todos” ou ainda “porque não separa quem quer apresentar de um jeito de quem quer apresentar de outro jeito?”. As dúvidas, em alguns casos, eram resistência e dificuldade de abertura para construir o novo, que foram completamente superadas com a vivência da experiência.

Talvez alguns de vocês leitores, estejam se perguntando, o que são instalações artístico-pedagógicas e como foram utilizadas como estratégia metodológica para apresentar trabalhos em um congresso ? Trazemos aqui um pequeno trecho da “carta aos participantes” que explica o processo, onde o apelo era: “**deixe o seu powerpoint em casa**”...

Em nosso congresso, buscaremos seguir o que já tem se tornado tradição no movimento agroecológico no Brasil, construindo conhecimento de forma lúdica e interativa e ressignificando os diferentes saberes presentes nos grupos de trabalho sugeridos. Por isso, a comissão científica decidiu que os trabalhos serão apresentados por meio de instalações artístico-pedagógicas.

As instalações artístico-pedagógicas podem ser definidas enquanto instalações artísticas, utilizadas como metodologia importante para visibilizar outras formas de construção do conhecimento, permitindo, na medida em que aguça a criatividade dos diferentes sujeitos participantes, a socialização e diálogos de saberes, de forma dinâmica e integradora, buscando romper com as formas hegemônicas de um fazer extremamente academicista.

As instalações artístico-pedagógicas são, pois, espaço de valorização estética e de beleza, nos termos freirianos, nas quais os sujeitos das práticas pedagógicas, através do uso de símbolos, imagens, sons (músicas, toques, instrumentos musicais), elementos da natureza (água, solos, plantas, sementes, frutos, etc), documentos escritos (jornais, boletins, fanzines, HQ, revistas, livros), odores, sabores, elementos místicos e religiosos, etc, (re)criam cenários que vão explicitando trajetórias/experiências carregadas de sentido e logo, repletas de questões a serem problematizadas/ dialogadas, para o construção do conhecimento dialógico, que se faz no encontro e na partilha de saberes.

As instalações podem acontecer numa praça, numa sala, num bosque, num ginásio, em um sem fim de lugares.

No 2o CIADT, os trabalhos aprovados serão apresentados por meio de instalações artístico-pedagógicas, substituindo as antigas formas de apresentação, pois a agroecologia constrói conhecimento de outra maneira. Em outras palavras, deixe o seu powerpoint em casa !

(Trecho da “carta aos participantes”, enviada pela comissão científica aos que inscreveram trabalhos no CIADT / SEADET)

O processo de construção do conhecimento engendrado pelas instalações pedagógicas no evento, tem alguns pressupostos e crenças importantes:

- ✓ A agroecologia deve ser compreendida como ciência, prática e movimento e os processos educativos em agroecologia devem adotar uma postura de reconhecimento e respeito aos diferentes saberes e propõe a criação de interconexões entre os saberes populares e os conhecimentos científicos, buscando gerar novos conhecimentos adaptados às diferentes realidades. (Caporal, 2013, p. 4)
- ✓ Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. (Freire, 1974)
- ✓ " (...) Sobre a sistematização de experiências concluímos que devemos ser coerentes com seu sentido de fundo: não se trata tanto de olhar para trás, para nos apropriarmos do ocorrido no passado, mas, principalmente, para retirar da experiência vivida os elementos críticos que nos permitam dirigir melhor nossa ação para fazê-la transformadora, tanto da realidade que nos rodeia, como de nós mesmos como pessoas. Isto é: sistematizar as experiências para construir novos saberes, sensibilidades e capacidades, que nos permita apropriarmo-nos do futuro" (Jara, 2013)
- ✓ A construção do conhecimento agroecológico deve ser compreendida como um processo holístico que deve ser inspirado em diferentes linguagens, sendo a arte fundamental para sua existência.

A metodologia dos grupos de trabalho foi organizada em dois dias. No primeiro dia cada participante teve um tempo para apresentar seu trabalho de forma sucinta, priorizando: a) Uma apresentação pessoal; b) o título do trabalho apresentado; c) Descrever o elemento trazido para a instalação, buscando explicar a relação do mesmo com o seu trabalho e com a temática do grupo; d) Reflexão coletiva e debate sobre os elementos trazidos; e) Construção coletiva do "croqui" da Instalação Artístico-Pedagógica que seria construída somente no segundo dia. No segundo dia tivemos três momentos: a) Confecção das Instalações Artístico-Pedagógicas; b) Visita entre grupos das diferentes instalações construídas; c) Retorno ao grupo de origem para avaliação da experiência.

Em nosso congresso, tivemos 174 trabalhos avaliados, nas modalidades resumo expandido, áudio e vídeo, dos quais 132 foram aprovados e 126 trabalhos efetivamente apresentados e presentes nestes anais. É importante colocar que para ser considerado como "apresentado", pelo menos um dos autores deveria estar presente **nos dois dias** de construção metodológica do grupo de trabalho. Isto porque, de um ponto de vista epistemológico, a construção metodológica só fazia sentido uma vez completados os dois dias, quando poderíamos observar a totalidade dos elementos de confrontação cognitiva e construção coletiva necessários ao processo de Construção do Conhecimento Agroecológico (CCA) propostos no evento.

A apresentação dos trabalhos foi organizada em cinco eixos ou linhas de pesquisa, quais sejam:

I – Identidade, Cultura e Territorialidades: Essa linha de pesquisa que visa analisar os processos de produção de significações culturais sobre o mundo rural e as condições que tornam possível a

formação e a consolidação progressiva de dinâmicas de desenvolvimento territorial e o seu grau de sustentabilidade nas esferas identitárias, social, econômica, técnica, política, institucional e ambiental, bem como, seu grau de autonomia e relação com escalas superiores de organização e gestão. Requer atenção especial à dimensão histórica, tanto para a recuperação de memórias e tradições, como para a sua reinvenção permanente, a partir de processos complexos de criação.

II – Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento: Esta linha de pesquisa visa compreender as especificidades do território nordestino no que se refere aos fenômenos sociais, históricos e econômicos contemporâneos a partir de sua relação com o desenvolvimento e o campesinato. A Economia Solidária e a Economia Ecológica serão referências para buscar compreender tal realidade e refletir sobre processos mais amplos do desenvolvimento econômico na região. As pesquisas a serem desenvolvidas nesta linha buscarão ainda compreender como nesses processos de articulação e organização coletiva, se dão os processos de Construção do Conhecimento Agroecológico, indicando um caminho epistemológico onde o diálogo de saberes é o ponto de partida.

III – Transições Socioecológicas e Sistemas Produtivos Biodiversos: Esta linha de pesquisa visa a viabilização dos agroecossistemas dos territórios. Nesse sentido, o desenvolvimento de pesquisas nesta linha tem o intuito de compreender a gênese, a historicidade, a dinâmica e os ritmos das transições que efetivaram mudanças significativas nas relações entre a sociedade e a natureza nos diferentes regimes metabólicos, uma vez que as sociedades humanas produzem e reproduzem suas condições materiais e imateriais de existência a partir de sua relação com a natureza.

IV – Convivência com o Semiárido, Inovações Sociotécnicas e Desenvolvimento: Esta linha de pesquisa com foco em convivência com o semiárido, no entanto, abrangendo também outros biomas, envolve a execução de pesquisas participativas que ressignifique os conhecimentos vivenciados na experiência camponesa, povos e comunidades tradicionais e resultem em tecnologias sociais apropriadas do ponto de vista agroecológico. Nesta linha se enquadram as pesquisas participativas com foco em processos ecológicos, energéticos, hidrológicos, biogeoquímicos, sucessionais e de regulação biótica envolvendo uso e manejo de recursos naturais, conservação e uso da agrobiodiversidade vegetal e animal, adubação verde; balanços, fluxos e fundos de energia, captação, conservação e uso apropriado e eficiente da água; ciclagem de nutrientes, fixação biológica de nitrogênio, conservação e manejo do solo; manejo de plantas espontâneas, controle alternativo de insetos-praga e micro-organismos com vistas a se desenvolver sistemas de inovação social, redes sociotécnicas articulados a modos de vida sustentáveis.

V – Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares: Esta linha de pesquisa toma como ponto de partida o desenvolvimento de investigações críticas ao sistema agroalimentar globalizado, que transforma ecossistemas e as culturas camponesas, visando a produção de commodities para o mercado mundial. Nos territórios essas transformações se expressam no avanço de agroecossistemas especializados, voltados para monoculturas. Assim, esta linha de pesquisa se concentra em estudos sobre agroecossistemas alimentares locais voltados para produção de bens ecológicos de alta qualidade nutricional, destinadas ao abastecimento de populações, a partir do manejo de variedades bem adaptadas ao contexto socioambiental e comercializadas através de circuitos curtos

A seguir, para finalizar esse trabalho de reconstituição da nossa vivência, apresentamos algumas das reflexões feitas pelos e pelas companheiros e companheiras que estiveram à frente da coordenação

dos grupos de trabalho. Os textos são de uma riqueza ímpar e refletem diferentes aspectos essenciais para a construção do conhecimento agroecológico e para os processos educativos em agroecologia. Viva a construção coletiva do conhecimento ! Viva a Agroecologia !

Reflexão 1

QUE SEMIÁRIDO É ESSE? QUE AGROECOLOGIA É ESSA?

Ana Cláudia de Lima Silva, Universidade Federal Rural de Pernambuco
Paulo José de Santana, Instituto Abdalaziz de Moura

“Jenipapo Mulungú
Mata, seca, céu azul
O quipá faxeiro e o mandacaru
Pele de onça preta
Tatu, tamanduá
Calango comendo batata tiú
Jararaca armada
Pé de Jacurutu
Juriti, corrupção
Rolinha fogo apagou andorinha avoô e
Sariema cantou Lá detrás da serra
Bem-te-vi e beija-flor
Lá detrás da serra Bem-te-vi e beija-flor”

Música - Caatinga

Composição: Paulo Soares/Duduca Moura/Pedro Celestino/Júlio C.

Foi assim que acolhemos esse momento, com a ambientação em círculo dos pesquisadores (as) autores (as) e observadores (as) na roda de conversa da instalação pedagógica.

A socialização dos trabalhos submetidos no CIADET foi acolhida com confiança, curiosidade e ao mesmo tempo comprometimento, pelos autores dos artigos submetidos ao Congresso. Acostumados com formatos conservadores de socialização, antes da rodada de apresentação, foi feito um momento no qual foi reforçado o papel das Instalações Pedagógicas e o intuito dos facilitadores de encontrar pontos de convergências, divergências e paralelos entre as apresentações. Desta forma, foi se criando um espaço de acolhida e o convite acompanhando da orientação, para que a socialização fosse em outras linguagens, além das convencionais, como apresentações em formato de banners e apresentações projetadas, oportunizou que os autores explorassem músicas, imagens, cheiros, tinturas, sabores e resultados concretos do trabalho, como livros e cartilhas que anunciaram a beleza dos territórios e riqueza dos entrelaçados entre o saber popular e científico que constroem o conhecimento em diálogo com os territórios.

A primeira rodada oportunizou que todos/as autores/as que submeteram seus trabalhos socializassem a experiência vivida, pesquisada e/ou constatadas dentro da Linha de Pesquisa - Convivência com o

semiárido, inovações sociotécnicas e desenvolvimento. Iniciamos com a experiência de acesso aos circuitos curtos de comercialização como equipamento público de abastecimento alimentar nos territórios, que nos conduziu para enxergar a importância destes espaços para a segurança alimentar e nutricional. Também acolhemos trabalhos que trouxeram para a centralidade plantas específicas como o alecrim (*Rosmarinus officinalis*) que além dos benefícios para a saúde, o estudo representou o importante trabalho desenvolvido com mulheres no sertão, proporcionando saúde mental e acesso a mercados. Outra planta que despertou boas reflexões sobre agroecologia e semiárido, foi a pytaia (*Hylocereus costaricensis*), planta exótica que tem despertado interesses em sistemas de cultivo na perspectiva agroecológica no semiárido. O neem (*Azadirachta indica*), que a partir do seu beneficiamento tem sido testado para o controle das moscas-das-frutas (*Anastrepha* e a *Ceratitis capitata*).

Também houve a socialização de estudos realizados na perspectiva de combater e/ou mitigar os efeitos da desertificação no cenário das mudanças climáticas, olhando como as tecnologias sociais são ferramentas importantes neste enfrentamento. Por fim, tivemos dois trabalhos que pautaram a produção de mel no semiárido, um que traz um estudo sobre as abelhas nativas sem ferrão e suas preferências para a nidificação, trazendo a importância de árvores nativas na Caatinga. E ainda, uma revisão de literatura que correlacionou os efeitos medicinais do mel, agroecologia e apicultura.

Os elementos, objetos, as músicas, as imagens e falas nos conduziram a construção do conhecimento, um momento imersivo de observação para o semiárido e suas múltiplas realidades resignificando-as, iniciativas que teve o intuito de apoiar na melhoria da qualidade de vida das pessoas que sobrevivem e se sustentam das potencialidades e desafios do território, a partir da produção de alimentos e experiências que tem tornado o seu território um lugar cada vez mais satisfatório para o bem viver. E foi nesta reflexão que fizemos as seguintes perguntas: “Que semiárido é este!?”, “Que agroecologia é esta?”. O que queremos mostrar aos nossos pares quando formos montar a instalação pedagógica que dará conta da riqueza de soluções de convivência com o semiárido, as suas inovações sociotécnicas e desenvolvimento?

Desta forma, para o dia seguinte, decidimos que o espaço ideal seria a geodésica que fica no pátio da Universidade. Montamos uma mesa farta de alimentos produzidos no semiárido, com elementos que representavam as reflexões realizadas no dia anterior, com cartazes que traziam as nossas perguntas centrais. A partir de uma lista de músicas selecionada coletivamente, propusemos um momento de respiração, que nos transportasse para o semiárido, acolhendo quem chegava na roda, e estimulando que os seus olhares sobre o semiárido, assim como a convivência com ele, fosse compartilhado.

A apresentação dos trabalhos em forma de instalação pedagógica proporcionou uma discussão e compreensão mais integrada das potencialidades e desafios da região semiárida, conseguimos trazer para reflexão a riqueza do semiárido e a necessidade de entender e valorizar os recursos naturais existentes. Os elementos sonoros e degustativos enriqueceram a instalação simbolizando que é possível fazer ciência de forma diferente, integrada e interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade. As reflexões realizadas pelo coletivo, sobre as convergências e divergências, foram fundamentais para perceber os desafios e oportunidades que existem na convivência com os processos de colonialidade, condições climáticas e ambientais do semiárido.

As atividades realizadas, como discussões, música e exercícios de respiração, promovem uma conexão mais profunda entre os participantes e os elementos simbólicos, todos estavam sintonizados na construção de conhecimento. Portanto, a instalação não apenas ofereceu um espaço de aprendizado, mas também reforçou na construção de um senso de cooperação entre os autores dos trabalhos e todo o cenário de diversidade construído, no sentido de romper com a lógica colonialista, ressignificado, refletindo e apoiando os processos de transição agroecológica nos territórios.

Reflexão 2

INSTALAÇÕES ARTÍSTICO PEDAGÓGICAS (IAPS) COMO CIÊNCIA VIVA

José Nunes - NAC-UFRPE/ABA

Marli Gondim - Núcleo Jurema-UFRPE

A experiência com IAP vivenciada no CIADT desloca o formato convencional de apresentação de trabalhos acadêmicos, focado em apresentações individualizadas, geralmente com tempo restrito para exposição e, quase sempre, utilizando como único recurso didático a projeção dos conteúdos em slides.

Nas sessões vinculadas à linha de pesquisa “**Convivência com o semiárido, inovações sociotécnicas e desenvolvimento**” foram apresentados dezesseis trabalhos, cujos temas garantiram uma diversidade de discussões. Como terão oportunidade de conferir nos resumos que seguem, foram os seguintes os temas: plantas alimentícias não convencionais, manejo de pragas nos cafezais, monitoramento do moleque-da-bananeira, os pagamentos por serviços ambientais, como no plantio de água em Pernambuco; as diferentes práticas agrícolas e tipos de agricultura, vivenciadas nas experiências agroecológicas, como a suinocultura sustentável, seja no Ceará, ou mesmo na região ribeirinha do Rio Ipojuca em Pernambuco. A questão agrária, aparece no questionamento sobre a titulação individualizada, que recria um processo de compra e venda de terras nos assentamentos rurais, impulsionado consideravelmente no governo do presidente Jair Bolsonaro. A terra seguiu em cena, ao se discutir as bacias hidrográficas, trazendo especificamente o seu uso para o cultivo do milho, num contexto de mudanças climáticas e, por outro lado, a importância da conservação e sustentabilidade no semiárido brasileiro: desafios ambientais e o papel da agroecologia na gestão dos recursos hídricos e áreas de preservação permanente. Por fim, a escola aparece como lugar de uma educação agroecológica: que estimula práticas que potencializam o equilíbrio na relação entre seres vivos e seus ecossistemas.

Relembra a proposta metodológica, cada um/uma das/os autores/as foram dispendo os símbolos que representavam seus trabalhos numa mandala exposta no chão da sala. Ali observamos fotos, cartazes, sementes, tecidos, esculturas em cerâmica, material vegetal, como mudas de café e troncos de bananeiras, além de diferentes insetos, que caracterizavam as pragas estudadas.

Encerrada essa rodada de apresentação dos símbolos por cada autor/a, iniciamos a discussão coletiva para buscar compreender o que aproximava e o que distanciava cada um dos trabalhos apresentados. Um primeiro exercício possível foi buscar agrupar os símbolos, dando, assim, sentido a um agrupamento de temáticas.

A terra, seja no seu processo de posse (com a titulação/compra e venda), seja como base para vida (re)criada por diferentes manejos (suinocultura, bananicultura, cafeicultura, cultivo de milho, etc) ou ainda para manter-se preservada como áreas de conservação, ganhou centralidade.

Mas a terra estava sempre recortada por águas. Águas de diferentes bacias hidrográficas, águas do Rio Ipojuca e serviços ambientais para produzir águas. Assim, não teve como fugir da representação da dupla terra/água, como símbolos de vida, que cotidianamente se complementam.

Mas os diferentes tipos de degradação ambiental poluem a terra e as águas, comprometendo o ar. A partir dessa concepção um pulmão em cerâmica foi trazido para o centro da mandala, representando a respiração do planeta.

Mas a metodologia orientada nos estimulava a refletir sobre a dualidade de onde há denúncias, devastação, opressões e violências, há o que esperar, pois há anúncios. Assim as diferentes práticas agroecológicas que seguem transformando realidades em diferentes territórios do semiárido dariam vida às margens do rio. Ali se espalhavam fotos muito coloridas, cadernos de receitas elaboradas com diferentes Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), sementes de toda cor, etc.

Até então estamos ainda no planejamento, para fazer toda essa criação chegar à praça pública aos olhos das demais pessoas e comunicar a construção do conhecimento agroecológico fundamentada na análise coletiva e complexa, apresentada com criatividade e ludicidade.

Na segunda sessão chegou a hora de levar a IAP para a rua. O espaço escolhido para a exposição do nosso grupo foi um canteiro em frente ao CEGOE/UFRPE. Ali montamos nosso atelier. Recortar imagens, trazer terra para representar as bacias hidrográficas, colorir, colar, adesivar, dispor o tecido azul que simbolizava o rio, margeá-lo com fotos, ilustrações e cartazes. Por fim, transplantar um pulmão, em cerâmica, unindo terra, água, fogo e ar. Ali a IAP estava viva! Este foi o momento de receber outros grupos, que criaram outras IAPs, para trocar conhecimentos, impressões, explicar o que havíamos construído e assim comunicar um conhecimento acadêmico que não se cansa de se desafiar para, usando diferentes estratégias pedagógicas e linguagens comunicativas, construir coletivamente uma ciência que faça sentido, uma ciência para as vidas.

Reflexão 3

ENTRECRUZANDO IDENTIDADE, CULTURA E TERRITORIALIDADES

Tarcísio Augusto Alves da Silva - PPGADT-UFRPE

Gáudia Maria Costa Leite Pereira - PPGADT-UFRPE

A experiência da instalação pedagógica possibilitou, no 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (2º CIADT), reunir diferentes experiências, reflexões e relatos no campo do saber agroecológico. Por se constituir em um espaço fora da lógica formal do conhecimento científico a instalação pedagógica estimulou os diversos diálogos e expressões com os quais a agroecologia se manifesta. Nesta oportunidade, se verificou o entrecruzamento entre identidade, cultura e territorialidades como uma base fundamental para compreender a construção de práticas agroecológicas que respondem aos muitos dos desafios ambientais, sociais e culturais das comunidades rurais no Brasil. Como quadro síntese do diálogo estabelecido com a instalação podemos destacar vários aprendizados, dos quais apresentamos a seguir.

No Agreste Pernambucano, a formação do sanitarista-agroecológico alia saúde coletiva e agroecologia, integrando saberes tradicionais e acadêmicos para atender às comunidades do Agreste Meridional. Já as feiras de trocas de sementes crioulas, no Semiárido Brasileiro, se destacam pela conservação da agrobiodiversidade e fortalecimento da soberania alimentar, possibilitando a circulação de variedades locais, como as de feijão. Em paralelo, práticas de agricultura urbana e periurbana no Sertão do São Francisco ampliam o acesso a alimentos saudáveis e promovem a sustentabilidade local por meio de hortas comunitárias.

Na literatura em obras como, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, é possível identificar um debate sobre agroecologia e identidade cultural, especialmente no tange a luta pelo acesso à terra. No lastro das questões relacionadas às mudanças climáticas, a agricultura familiar pode ser um importante trunfo, pois promove soberania e segurança alimentar, algo que pode ser potencializada quando apoiada por políticas públicas.

Outro aspecto relevante do debate foi apresentado ao discutir como no território indígena Xukuru do Ororubá, o conceito de "Bem Viver" conecta saúde e práticas agrícolas, valorizando plantas medicinais e identidades culturais.

Já as hortas urbanas e comunitárias foram apresentadas como espaços de transformação social e resiliência ao promoverem sustentabilidade, inclusão e autonomia dos agricultores.

Essas iniciativas, das feiras de sementes às práticas indígenas, articulam identidade, cultura e territorialidade, reforçando a conexão entre indivíduo e território, fomentando a identidade coletiva e a sustentabilidade. Neste sentido, a agroecologia expressa as respostas que populações rurais fornecem para o enfrentamento dos desafios globais, como a crise ambiental e as mudanças climáticas, conectando-se aos seus territórios.

Finalmente, a construção coletiva da instalação pedagógica permitiu construir uma linguagem de comunicação para estas inúmeras reflexões pelo caminho da arte e espiritualidade, revelando como essas dimensões do saber podem ser contemplativas, provocadoras e questionadoras por meio dos sentidos, dos cheiros e dos sabores que se fazem distante e recusando a lógica formal e cartesiana de produzir conhecimento.

Reflexão 4

MEMÓRIAS DA VIVÊNCIA DE INSTALAÇÕES PEDAGÓGICAS NA TEMÁTICA AMBIENTE, SAÚDE E SISTEMAS AGROALIMENTARES

Ana Maria Dubeux Gervais - PPGADT - UFRPE

Ywanoska Maria Santos da Gama - DEd/BACEP - UFRPE

Apresentar trabalhos em congressos é desde muito cedo estimulado na vida acadêmica, desde a graduação até a pós-graduação no que se refere aos estudantes, ao mesmo tempo que se configura como uma espécie de validação do trabalho de docentes na universidade, para quem essa atividade atende a um leque de demandas institucionais (pressões das agências de fomento à pesquisa, dos programas de pós-graduação, além de representar elemento importante para os processos de progressão e respectivo avanço na carreira). Até aqui estamos considerando, minimamente, os

aspectos acadêmicos. Mas, sendo o contexto da produção de conhecimentos muito ampla e de grande variedade nas perspectivas teórico-metodológicas inerentes às inúmeras áreas, muitas delas que dialogam com a Agroecologia de forma mais direta ou menos, não é novidade que esses espaços/eventos, é também de disputas de ideias, confronto de paradigmas e, porque não dizer, fortalecimento de egos.

Optamos por esse preâmbulo para destacar o diferencial que a proposta de instalações pedagógicas representa para o campo acadêmico, assim como para os movimentos sociais que têm ampliado as relações de troca de saberes com a Agroecologia. Enquanto ciência interdisciplinar, a agroecologia, pressupõe rupturas de paradigmas, de conceito e de método enquanto ciência.

A reflexão em torno das relações entre ambiente, saúde e sistemas agroalimentares é sempre um grande desafio, e sobretudo, o universo de trabalhos apresentados no grupo foi bem amplo. Mas percebemos que o eixo “saúde” foi o fio condutor dos debates e dos trabalhos apresentados. Quando dizemos fio condutor, é que os trabalhos giraram em torno da saúde de uma maneira mais ampla, seja ela vinculada ao sistema agroalimentar, aos agroecossistemas, aos humanos, às plantas e aos animais.

A crítica ao sistema agroalimentar globalizado e ao capitalismo foram tônica dos debates, passando por alternativas agroecológicas para combatê-lo, enxergando a agroecologia enquanto ciência prática e movimento, como importante instrumento para sua superação. Assim, nos trabalhos apresentados, percebemos temáticas tais que produção de mel, biofertilizantes, feiras e articulação de feiras, mudanças climáticas, saúde humana, de plantas e de animais, agricultura urbana, entre outras.

Do ponto de vista metodológico, a relatoria nos chamou a atenção para um fato interessante: quando os/as congressistas chegaram à sala destinada ao primeiro momento da atividade, logo foram instalando seus materiais, mesmo antes da chegada das facilitadoras. Mesmo sendo informados/as pela relatora de que a dinâmica seria outra, a movimentação de cada um organizar o seu trabalho/apresentação continuou da mesma forma. Com o início das atividades e explicitação pelas facilitadoras sobre a proposta de uma construção coletiva, embora com estranhamento houve uma tranquilização. Solicitamos que recolhessem tudo e iniciamos os trabalhos trazendo a importância de mudar a nossa base epistemológica quando trata-se de construir conhecimento em agroecologia.

Foi reafirmado que o congresso decidiu quebrar os padrões de apresentações e construir uma outra maneira de dialogar sobre os trabalhos apresentados no formato de instalações pedagógicas. Embora anunciado e explicitado desde as inscrições para o evento, percebia-se que ainda não estava claro para uma significativa parte do grupo o que seria uma instalação pedagógica e como seria trabalhado. Tínhamos em nosso grupo o desafio de fazer uma reflexão em torno de três palavras-chave: **ambiente, saúde e sistemas agroalimentares**. O que tais palavras representam para nós? Que relações podemos estabelecer entre elas? Assim, instaura-se um clima de reflexão coletiva, buscando incitar o grupo a não pensar apenas no trabalho individualmente, mas nas possíveis relações existentes entre temas, conceitos e metodologias dos mesmos.

No momento seguinte cada congressista tem cinco minutos de fala para apresentar o elemento que trouxe que estava relacionado à sua pesquisa. A riqueza foi imensa neste momento: potinhos de mel, fotos, sementes, plantas, bandeiras de vários movimentos sociais, banners de feiras, entre tantos outros. Ao apresentar seu elemento, o participante, fala sobre o seu trabalho, explicando o seu

sentido, seus objetivos assim que os principais resultados. Os participantes dialogam com cada um dos trabalhos buscando compreender um pouco mais, elucidando dúvidas e refletindo sobre o tema do grupo de trabalho.

Após a conclusão desta etapa, as pessoas circulam para observar os elementos apresentados e tentam identificar o que os unem, o que é especificidade e como podemos representar em forma de instalação artístico-pedagógica. Identificamos a relação muito forte existente entre produção de alimentos e saúde, inclusive percebendo que a produção de alimento permeia todos os trabalhos. A diversidade garante a saúde e ela deve ser buscada quando falamos de agroecologia. Percebemos ainda que, por vezes, a tecnologia uniformiza e prejudica a diversidade e a articulação entre produção de alimentos e identidade cultural e alimentar.

Com o debate em mente, desenhamos o croqui do que construiríamos no dia seguinte. A construção foi realizada a partir das bandeiras de lutas dos movimentos sociais que ficaram no centro e desenhamos um espiral com os diferentes elementos indicando palavras chave. A ideia era que quando alguém viesse visitar a instalação, faria uma caminhada agroecológica em forma de espiral, com pontos indicando temáticas importantes para este movimento.

Após um tempo para que os visitantes viessem ver o que havíamos construído e que o nosso grupo pôde visitar as instalações pedagógicas dos outros grupos, o grupo original voltou a se reunir para avaliar o todo do trabalho. O que percebeu-se com muita força foi o impacto da metodologia no grupo. Todos estavam muito felizes de ter participado e afirmaram a força da instalação artístico pedagógica, que: a) permite uma ruptura significativa com os modelos clássicos de apresentação de trabalhos em seminários; b) permite sair do meu lugar de fala para a construção de debates mais coletivos; c) permite a interface entre temáticas; d) indica novos caminhos epistemológicos para a agroecologia.

Reflexão 5

O ENCONTRO DE SABERES E CONHECIMENTOS NOS CAMINHOS DA VIDA

Gilvânia de Oliveira - DEd/BACEP-UFRPE

Flavia Peres - DEd/BACEP-UFRPE

Os dias 12 e 13 de dezembro de 2024 foram destinados às apresentações dos trabalhos nas instalações pedagógicas do eixo - LINHA 2 - Sociedade, Economia e Construção do Conhecimento, mediado por Gilvânia de Oliveira e Flavia Peres. No primeiro dia, os participantes tiveram a oportunidade de apresentar as principais ideias de seus trabalhos, trazendo elementos e temáticas potentes para reflexões, frutos de experiências de 15 projetos de pesquisa, ensino e extensão, em que encontramos potências em assuntos como: soberania alimentar, formação de educadores e educadoras populares, mercados agroecológicos, promoção de políticas públicas, educação do campo, empoderamentos das mulheres para sua autonomia, agricultura urbana e periurbana, práticas de agricultura familiar, agricultura alternativa, sistemas agroflorestais e quintais produtivos.

Todos os trabalhos foram simbolizados com elementos trazidos por seus autores que, organizados ao centro da sala, formavam uma grande mandala: bandeiras de movimentos sociais, garrafas pet com sementes crioulas, fotografias de aves, de famílias agricultoras no trabalho com a terra, exemplares da produção agrícola (banana, macaxeira, hortaliças), amostras de biofertilizantes, folders de projetos,

ramos de vegetação nativa, cuias e cabaças como unidades de medida camponesas, quadros pintados com geotintas, poesias e músicas apresentadas durante o encontro, camisas com slogan de projeto.

Em um momento coletivo, ainda no primeiro dia, deu-se início ao planejamento do que deveria ser efetivado no dia seguinte. Realçando os primeiros laços socioafetivos, pessoas que nunca haviam se encontrado antes trabalharam cooperativa e criativamente, na projeção de alcances discursivos que envolvessem visitantes participantes, sem excessos de palavras, mas com linguagens que os tocassem e sensibilizassem para o todo do que foi apresentado em nosso eixo. Com o material disponibilizado, barbante, cartolinas, fitas, o grupo se distribuiu em tarefas, especificou ações específicas, trocou contatos para afinar detalhes.

No dia seguinte, na praça do Centro de Ensino de Graduação (Cegoe), conhecida como *Amsterdã*, espaço com área verde, grama e bancos, foi aos poucos se delineando a instalação pedagógica planejada na noite anterior, que contou suas experiências em uma ornamentação estética, com intencionalidade, de modo que as demais pessoas que estavam no evento puderam visitar o espaço, interagir com os elementos, pisar no chão e se envolver nas temáticas, já que havia um caminho ornamentado para a passagem de quem ali visitava.

Entendemos o lúdico que envolveu quem se aproximava, como convite para interagir com a instalação e ter uma ideia dos conteúdos que foram abordados nas apresentações do dia anterior, agora ali em um todo de símbolos, sons, cheiros e sensações. Os elementos foram organizados de forma consciente e potencialmente provocaram efeitos emocionais complexos, com determinantes históricos e sociais dos trabalhos apresentados.

Juntar temáticas tão complexas a partir de lugares distintos, de diferentes estados do Brasil e de outros países, em um grupo de discussões dentro da academia, só vem provocar o desconforto de sair da fragmentação que a ciência moderna naturaliza como único caminho para construção do conhecimento válido. Ao mesmo tempo, ao tocar por mensagens que só captamos ao sermos tomados sensorialmente por outros modos de partilha, que envolve diversos sentidos, somos confortados pelo encontro de saberes, que mostra a riqueza de elementos e complementaridade surgida no processo mesmo de unir tais temáticas e desencadear, nas pessoas ali envolvidas, aprendizagens.

Vivenciamos as implicações daquela instalação pedagógica como fonte estética para a vida concreta, instrumento social que operou no campo das emoções. Ali ao lado, não muito distante, outras instalações pedagógicas, advindas da mesma atividade, nos convidavam à interação.

A mediação envolveu a todas e todos, de forma planejada, antes mesmo daquele momento de culminância, distribuída nos dois dias, como *processo-e-produto* de construção do conhecimento. Trouxe reflexões carregadas de sentido no mundo concreto; favoreceu movimentos éticos e estéticos que ligaram os temas do eixo - sociedade, economia e (em si) construção do conhecimento; elevou-nos do real, como ação de construção de vida. Com os diferentes pontos de vista e com práticas colaborativas que complementam os saberes, saímos com a sensação de outro modo de convívio em sociedade, pautado na força das relações de trocas mais justas, para além da visão capitalista de lucro individual.

Reflexão 6

TRANSIÇÕES SOCIOECOLÓGICAS E SISTEMAS PRODUTIVOS BIODIVERSOS

James Ribeiro de Azevedo - PPGADT-UFRPE

Júlia Figueredo Benzaquen - DECISO / UFRPE

Uma instalação pedagógica é uma metodologia de apresentação de trabalhos na forma oral com apoio de elementos materiais que caracterizam o trabalho realizado. O processo de mediar uma instalação pedagógica durante o II Congresso de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial foi de grande aprendizagem e se revelou bastante potente. A mediação começou antes mesmo do Congresso, com orientações por escrito enviadas aos mediadores e com reuniões preparatórias. O debate entre diferentes mediadores proporcionou o enriquecimento da proposta, pois sugestões foram feitas e a metodologia foi aprimorada a partir da experiência das colegas selecionadas para mediar as instalações.

Na linha “Transições Socioecológicas e Sistemas Produtivos Biodiversos”, para construção da instalação foram utilizados alguns elementos tais como: imagem impressa, maquete, sementes, frutas, pintura em tecido e placa de petri com fungos. No primeiro dia, foram realizadas as apresentações orais, após cada apresentação os elementos eram colocados no centro da sala. Após as apresentações, teve um rico momento livre para os autores conversarem entre si. No segundo dia, foi realizada uma exposição dos elementos, em local aberto, procurando verificar as conexões entre os trabalhos. No centro, ficaram os trabalhos sobre as alterações climáticas e ao redor ficaram agrupados os trabalhos sobre sistemas de produção de um lado e sobre transição agroecológica do outro. Para definir como montar a instalação foi feito um diálogo e se chegou a um bom termo, encontrando semelhanças entre os trabalhos.

Como uma tentativa de produzir uma síntese, a partir do que foi apresentado, os mesmos podem ser agrupados nos seguintes temas:

- a) Mudanças climáticas (dois trabalhos que apontam o potencial estratégico da Agroecologia para mitigar os efeitos das mudanças climáticas): “Agroecologia e crise climática: limites e perspectivas”, e “Estratégias agroecológicas para mitigação dos efeitos das mudanças climáticas no município de Chã Grande- PE”.
- b) Biodiversidade (dois trabalhos sobre biodiversidade como estratégia de segurança alimentar, sendo um de revisão bibliográfica e outro de trabalho de campo em feira agroecológica): “A promoção da Agrobiodiversidade em territórios camponeses frente ao agronegócio no sertão nordestino”, e “Importância da troca de sementes crioulas para a preservação da diversidade de cultivares: um estudo de caso da agrofeira do Agreste Meridional de Pernambuco”.
- c) Sistemas de produção (cinco trabalhos sobre sistemas de produção baseados na Agroecologia tais como: mandala, quintal produtivo, avicultura, ovinocultura e pastagem): “Mandalas agrícolas: um caminho para transições socioecológicas e a diversificação dos sistemas produtivos”, “Desafios na Implementação e manutenção de quintais produtivos em Fernando de Noronha”, “Práticas Sustentáveis e agroecológicas na avicultura: construção de aviários móveis no IFMT campus Garantã do Norte”, “Concentração espermática em sêmen de ovinos Dorper alimentados com dietas proteica com gliricídia (*Gliricidia sepium*) e moringa (*Moringa oleífera*)”

e “Extensão e pesquisa com manejo agroecológico de pastagem: um relato de experiência a partir do Cerrado brasileiro”.

- d) Transição agroecológica (quatro resumos abordaram o processo de Transição Agroecológica em revisão bibliográfica e trabalhos de campo): “A transição agroecológica de agroecossistemas desenvolvidos por agricultores familiares de Lagoa de Itaenga-PE”, “Transição agroecológica a partir da metodologia camponês a camponês em assentamentos do MST Pernambuco”, “Transição agroecológica, processos metodológicos”, e “Diagnóstico rural participativo: construindo bases para aprofundar a transição agroecológica em Chã Grande, Pernambuco”.

A experiência surpreendeu positivamente todos que participaram dela. Os vínculos entre autores foram construídos no processo do fazer a instalação pedagógica. As conversas entre autores possibilitaram articulações que se os trabalhos tivessem sido apresentados no formato convencional, certamente não existiriam. Foi muito rica a aprendizagem vivida coletivamente.

Reflexão 7

NAS ENCRUZILHADAS A VIDA REFAZ-SE VIDA

Joanna Lessa - DEd/BACEP-UFRPE

Ângelo Chaves Alves- DB/BACEP-UFRPE

A apresentação de trabalhos do grupo de Identidade, Cultura e Territorialidade do 2o Congresso Internacional de Agroecologia (II CIADET) foi organizada a partir de um processo participativo de reflexão coletiva e construção de sínteses, que culminou numa instalação pedagógica.

Orientados/as/es a trazer objetos/símbolos que representassem seus trabalhos, cada autor/a tomou o objeto trazido como mote/inspiração/orientação de suas exposições. Este modo de apresentar permitiu que diversas dimensões pudessem ser abordadas a partir dos trabalhos aceitos para apresentação no evento.

Após a explicação da metodologia, demos início às apresentações. Os trabalhos foram os mais diversos, temática e regionalmente, abrangendo variadas percepções da relação entre identidade, cultura e territorialidade no entrecruzamento com a Agroecologia.

O tema da saúde se fez presente a partir do impacto dos agrotóxicos no modo de vida de diferentes populações, sendo retratados por meio de fotografias, inclusive. Ainda sobre a saúde, os acidentes de trânsito apresentaram-se de modo surpreendente como fator de impacto nas territorialidades que são interrompidas pelas modificações realizadas de forma não participativa nos lugares, a exemplo da pavimentação de vias sem os devidos cuidados.

Em relação aos modos de vida, a pesca brotou como elemento importante na identidade de um território, com os desafios diante do turismo predatório e da especulação imobiliária.

Os objetos trouxeram cores, formas e sabores diversos a partir dos territórios onde os trabalhos se situavam. Aproximaram-nos das identidades, culturas e territorialidades de cada lugar. Durante os relatos pudemos nos encontrar um pouco mais perto do lugar e das pessoas das quais se relatava.

Na busca de sínteses, encontramos o Movimento - transição, trânsito, transitoriedade - como elemento comum de criticidade e reconstrução. Além disso, foram compartilhadas situações limítrofes (morte, envenenamento, desterritorialização) que nos levaram ao entendimento da ideia de encruzilhadas, no sentido de escolhas e passagens, encontros e desencontros, a partir da reflexão sobre os territórios.

Percebemos então que os princípios e propósitos da Agroecologia encontravam-se nos trabalhos nessas encruzilhadas entre os movimentos de opressão e de resistência expressos durante as apresentações. E optamos por demonstrar em nossa instalação pedagógica esses contrastes presentes nas paisagens diversas abordadas nas exposições de cada um/a, contemplando desde as regiões metropolitanas ao semiárido, em diversos estados da federação.

Como síntese, fizemos um poema-resultado das reflexões:

Na encruzilhada
os caminhos de esperanças se cruzam
As ancestralidades
oferendam horizontes
E a vida
teima em seguir
Protegida pelas redes
Dos povos das águas,
da terra e do ar
Abafados
pelos interesses financeiros
Do mercado
que não valoriza os laços
que não valoriza os saberes
construídos nas diversas estradas
que se cruzam.
Nas encruzilhadas
a vida resiste.
Nas encruzilhadas
a vida
refaz-se vida.

Joanna Lessa e Ângelo Chaves
13.12.2024 - 25/04/2025

Referências

CAPORAL, Francisco Roberto – Aprendendo, Fazendo, Conhecendo. In: Construção do Conhecimento Agroecológico - Revista Agriculturas: experiências em agroecologia v.10, n.3, 2013. Disponível em : <https://aspta.org.br/files/2013/12/RevistaAgriculturasV10N3.pdf> , acesso em 22/04/2025

FALKEMBACH, E. M. F. Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais. In: FALKEMBACH, E. M. F. O que é sistematização? Uma pergunta. Diversas respostas. Cadernos da Cut, São Paulo: CUT/SNF, 2000 (PDF) *SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: CONCEITO E REFERÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS.* Disponível em:

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 2º Congresso Internacional de Agroecologia e Desenvolvimento Territorial. – Recife, PE - v. 20, no 1, 2025

https://www.researchgate.net/publication/346421630_SISTEMATIZACAO_DE_EXPERIENCIAS_CONCEITO_E_REFERENCIAS_PARA_FORMACAO_DE_PROFESSORES_DE_Ciencias Acesso em 22/04/2025

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências / Oscar Jara Holliday; tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

FALKEMBACH, E. M. F. Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais. In: FALKEMBACH, E. M. F. O que é sistematização? Uma pergunta. Diversas respostas. Cadernos da Cut, São Paulo: CUT/SNF, 2000 (PDF) *SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: CONCEITO E REFERÊNCIAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS*. Disponível em :

https://www.researchgate.net/publication/346421630_SISTEMATIZACAO_DE_EXPERIENCIAS_CONCEITO_E_REFERENCIAS_PARA_FORMACAO_DE_PROFESSORES_DE_Ciencias Acesso em 22/04/2025